

Uma História da Filosofia

45 Respostas de Berkeley às objeções

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Bem, voltando a George Berkeley, espero que, depois da última vez, a posição filosófica que ele desenvolve fique mais clara, juntamente com seus argumentos. Você pode ter pensado inicialmente que o que ele estava tentando estabelecer era bastante implausível, mas, ao ver como ele o faz, acredito que a plausibilidade aumenta em quase 100%. Ou seja, se ele consegue sustentar essas três posições filosóficas básicas envolvidas, então sua negação da existência da matéria, do substrato, independentemente de qualquer mente, parece ser sustentável.

Na medida em que o conceito de matéria é uma ideia abstrata e não uma noção empírica, e como nominalista, ele sustenta que simplesmente não temos ideias abstratas; a palavra matéria não tem referência, entende? Então, quando se fala da realidade da matéria, não se tem ideia do que as pessoas estão falando. O próprio Locke disse que matéria é algo que eu não sei o que é, entende?

De maneira semelhante, no caso do mentalismo, se tudo o que sabemos sobre objetos materiais deriva de nossas ideias de qualidades primárias e secundárias, e se nunca temos ideias de qualidades primárias independentemente das qualidades secundárias, ou vice-versa, e se ambas as qualidades, primárias e secundárias, são relativas a todos os tipos de condições de observação, então parece seguir-se que ambas as qualidades, primárias e secundárias, estão na mesma condição, ou seja, são subjetivas, são simplesmente qualidades de nossas ideias, e não temos evidências de quaisquer qualidades imutáveis, ou, se não qualidades imutáveis, pelo menos qualidades objetivas, na audição em substratos materiais. Portanto, sua conclusão parece ser que, no que diz respeito às evidências empíricas, tudo o que sabemos são mentes e suas ideias, e nossas ideias sobre objetos materiais são apenas isso, ideias compostas de qualidades primárias e secundárias, sem qualquer noção de matéria. Então, o mentalismo... bem, é claro que, se ele parasse por aí, haveria uma objeção imediata.

Como explicar a uniformidade ordenada da natureza, particularmente na era newtoniana, quando a natureza era compreendida de forma tão ordenada, com leis fixas, forças fixas e assim por diante, essa máquina perfeita? Como explicar isso? Além disso, como explicar as ideias que temos se elas não são causadas por coisas materiais externas? Bem, a linha de raciocínio dele aqui é, creio eu, muito simples. Seu ponto de partida é essencialmente o de Descartes. Eu penso, e o que eu penso são ideias; ideias são os objetos do pensamento, aquilo sobre o que pensamos.

Eu penso, e penso em ideias, mas aí ele segue por esse caminho, entre as nossas ideias, temos que distinguir entre ideias ativas e passivas. Se preferir, ideias

voluntárias e involuntárias. Porque existem algumas ideias que eu tenho que eu escolho ter.

Minha ideia de uma girafa fada com asas de borboleta é uma ideia voluntária, pois fui eu quem a idealizou e a elaborou. Por outro lado, existem outras ideias que são involuntárias, ou seja, a maioria das impressões sensoriais que nos chegam simplesmente se registram na consciência sem serem convidadas. Ideias involuntárias.

E embora seja bastante óbvio que eu possa ser a causa de ideias ativas, ideias voluntárias, não é nada evidente que eu possa ser a causa de ideias passivas, porque muitas vezes tenho essas ideias não apenas sem serem convidadas, mas indesejadas. Ideias de dor, por exemplo. Portanto, deve haver alguma outra causa além da minha mente para essas ideias involuntárias ou passivas.

Ora, ideias são coisas mentais; elas devem ter causas mentais. Portanto, essa outra causa deve ser alguma outra mente. Agora, ele não considera a ideia de telepatia mental, particularmente a de que você estaria me dando todo tipo de ideia.

Não, o próximo passo em seu raciocínio, porém, é observar as uniformidades da natureza. Ou seja, as uniformidades de nossa experiência. O fato de haver previsibilidades dentro da experiência que construímos a partir de nossas ideias.

O fato de que todos nesta sala estão ouvindo praticamente as mesmas coisas neste momento. O fato de vivermos em um mundo de experiência de senso comum. Ordem comum, previsibilidade comum, evidências públicas, e assim por diante.

Portanto, como causa dessa uniformidade, deve haver uma mente superior, uma inteligência suprema, um espírito infinito, Deus. Assim, Deus é a outra mente necessária no caso das ideias passivas. Deus não apenas causa nossas ideias passivas, mas também nos dá um mundo de experiência ordenado com todas as suas previsibilidades.

Ele não é apenas o criador de nossas mentes finitas, mas também aquele que as informa. De modo que nossas sensações são uma espécie de linguagem divina. A linguagem de Deus para nós, por meio da qual compreendemos a ordem das coisas à qual devemos nos ajustar, na qual devemos nos encaixar.

E dessa forma, participamos das ideias de Deus. É como se fosse o equivalente empirista de dizer que o logos humano participa do logos divino. A mente humana participa da mente divina.

Visto que nossa experiência é o mundo ordenado de ideias que Deus possui e nos dá, então Deus é a causa suficiente, não apenas a causa necessária, mas a causa

suficiente não só de tudo o que existe, mas também de todas as ideias que ocorrem passivamente às mentes existentes. Portanto, Deus é, nesse sentido muito real, o criador do mundo natural.

Ex nihilo, assim como o criador de mentes finitas. Bem, isso está bastante claro, eu acho. E é à luz disso que você, espero, leu aquele pequeno poema que Kaufman, um poema, se é que se pode chamar assim, que Kaufman insere na página 237, logo antes do início da seleção.

Você leu isso? Um jovem disse: "Deus deve achar extremamente estranho que esta árvore continue de pé quando não há ninguém por perto no pátio." Há uma árvore que cai na floresta quando não há ninguém por perto para ouvi-la. Ela faz barulho ? Há uma árvore que está no pátio quando não há ninguém por perto para vê-la.

Deus deve achar extremamente estranho que esta árvore continue de pé mesmo sem ninguém por perto no pátio. Caro senhor, seu espanto é que é estranho. Estou sempre no pátio.

E é por isso que a árvore continuará a existir, desde que foi observada por, fielmente, Deus. Portanto, não é que o mundo surja e desapareça. Não.

Ela existe infinitamente na mente de Deus desde o momento em que Ele a concebeu. Certo. Agora, sem dúvida, você já pensou em todo tipo de objeção.

Kaufman nos dá alguns. Mas vamos pegar o seu primeiro. Eu estava meio curioso.

O que você diria sobre uma pessoa que sofre de alucinações? Será que Deus está brincando com ela? Ou quando você vê ilusões de ótica. Não ilusões de ótica, mas alguém que está realmente alucinando . É.

Ver coisas, o resto. Sim, e você quer dizer, na verdade, que as alucinações são coisas que nós causamos. Mas elas não são voluntárias.

Isso seria uma exceção à sua maneira de distinguir o voluntário do involuntário? E eu acho que ele teria que dizer que sim. Não sei se ele discute isso. Acho que ele teria que dizer que sim.

Existe algum tipo de disfunção mental que nos permite, digamos assim, imaginar ideias. Como uma pessoa com uma imaginação hiperativa, atormentada por... Poderíamos dizer, por sonhos. A menos que ele explicasse os sonhos como sendo todos obra de Deus, o que talvez fizesse.

Sim. Sim, acho que a maioria das objeções que você apresentar, você sempre consegue prever imediatamente como ele responderia. Eu só queria saber, talvez

indo um pouco além, como você pode ver que Deus é a causa suficiente e necessária do mal no mundo? Sim, ele aborda o problema do mal com bastante profundidade.

Infelizmente, Kaufman não incluiu esse material. Mas creio que ele o aborda mais para o final de sua obra sobre os princípios do conhecimento natural, da seguinte forma. Aliás, essa é uma questão muito pertinente.

Porque creio que um dos principais problemas do idealismo metafísico é o problema do mal. Pelo menos de um ponto de vista teísta. Pelo motivo óbvio de que, se não existe materialidade real, nem forças físicas reais, então todas as coisas que fazem parte do problema do mal — dor física, câncer, tornados e tudo o mais, incluindo a morte — não têm o tipo de explicação que tradicionalmente nos é dada.

Ou seja, são causados por processos físicos, que fazem parte do ambiente físico em que Deus está inserido. Se entrarmos em conflito com esses processos, corremos o risco de nos machucar. Ora, se você não tem causas físicas para explicar os males físicos, você tem um problema.

E na medida em que essas coisas nos chegam como experiências passivas, é preciso dizer que Deus as causa diretamente. Portanto, o idealismo muitas vezes tem problemas com isso. E assim, existem idealistas que tentam lidar com a questão afirmando a existência de um Deus finito.

Embora Ele possua todo o poder existente, esse poder não é infinito. Há um limite para o que é concebível em termos de um mundo sem mal. Portanto, nem mesmo Deus poderia conceber uma ideia desse tipo para compartilhar conosco, considerando o que Ele buscava nos seres humanos finitos.

Outros idealistas argumentarão que os males físicos são ilusórios, aproximando-se da ideia de alucinação. E em algum ponto desse espectro, você encontrará as perspectivas da Ciência Cristã, que é uma metafísica idealista.

Na verdade, há alguns anos, tive um aluno que vinha de uma formação na Ciência Cristã. E quando estávamos conversando sobre Berkeley, ele disse algo como, sabe, acho que foi assim que fui criado. Berkeley.

Então, como Berkeley lida com isso? Bem, sua ênfase, é claro, será que o mundo da natureza é, como Newton o descreveu, um mundo com uma ordem fixa. Que não é interrompida arbitrariamente por Deus. É uma ordem fixa.

Essa ordem geral da natureza. Ele sustenta que essa ordem geral da natureza é essencial para orientar a vida cotidiana. O ambiente precisa ser previsível.

É essencial para que possamos compreender os processos da natureza. E poderíamos acrescentar: fazer ciência. Usar os recursos da natureza.

Deve ser ordenado e previsível. Em outras palavras, é essencial para todo o planejamento humano, todos os propósitos humanos, todas as atividades mentais. E essas vantagens superam o que ele chama de inconvenientes específicos .

Então ele está usando o que historicamente era conhecido como o argumento do bem maior. Os males são permitidos em prol de um bem maior . Eles estão inseridos na ordem das coisas para um bem maior .

Ora, o termo "inconvenientes particulares" parece minimizar o problema. Mas ele quer dizer que problemas desse tipo, males naturais, são necessários para evidenciar o contraste, acentuar a beleza, matizar a imagem para que possamos realmente ver o que é bom e buscá-lo. Em outras palavras, o fato de haver prazer e dor envolvidos na experiência humana serve como pedagogo de Deus, mestre-escola, ensinando-nos como Ele quer que vivamos, ensinando-nos como nos comportar.

O que, aliás, é uma das coisas que John Locke disse ao falar sobre ética. Que o prazer e a dor funcionam como uma espécie de recompensa e punição, proporcionando uma disciplina intrínseca no aprendizado do que é certo e errado. Portanto, nesse sentido, a dor e o medo são necessários ao nosso bem-estar quando vistos numa perspectiva mais ampla.

Portanto, este é um argumento do tipo "bem maior". Que, claro, é essencialmente o mesmo que os teístas cristãos têm usado ao longo dos séculos para os males naturais. O argumento do bem maior.

Então, embora você possa dizer que isso é um problema específico para um idealista, tudo bem, se um idealista pode usar um argumento do bem maior, ele não está em pior situação do que qualquer outra pessoa. Agora, quando se trata do pecado humano, ele é muito explícito. Estas são as nossas ideias ativas , entende?

E as consequências disso para outras pessoas. Bem, Deus ordena a experiência delas de forma consistente com os efeitos das suas intenções em relação a essas outras pessoas. Portanto, uma combinação do argumento do livre-arbítrio e do argumento do bem maior resolve a questão.

Então você não diria que os males naturais fariam parte do processo natural, mesmo que o pecado nunca tivesse ocorrido? Sim, parece que sim. Então, o homem é mortal por natureza? Isso não necessariamente se segue. Pode ser que a experiência da morte seja algo que Deus deu depois da queda.

Bem, não me lembro de ele ter abordado essa questão específica . Pelo menos, não me lembro. Ah, sim, sim.

Mas veja bem, tudo o que você disser sobre a questão que levantou é um mal natural decorrente da queda. O fato é que a existência de qualquer ser físico finito é altamente contingente e depende muito do que acontece no ambiente. Adão poderia ter caído de uma árvore e quebrado o pescoço.

Sabe? Não me convence a ideia de que o mal natural começou com a queda. Acho bastante óbvio , a menos que o chão do jardim fosse estéril, que os insetos eram esmagados sempre que alguém caminhava por ali. E se a morte de animais faz parte do problema do mal natural, então, entende?

Muito bem, David, agora pense. Como você imagina, para começar a pensar em algumas ideias, como você imagina que Berkeley reagiria à encarnação? Vou começar com uma mais fácil. Como você acha que ele reagiria à pergunta: "Bem, você quer dizer que Deus não criou os céus e a terra?" Bem, o que Berkeley diria? Bem, acho que é por isso que é tão difícil encontrar um sucessor em Berkeley, porque por mais que pareça que ele faça algo, ele faz muito pouco.

Tudo o que ele faz é remover a coisa do meio. Em certo sentido, quero dizer, tudo bem, Deus poderia nos dar corpos físicos e todas essas coisas físicas e nos colocar aqui dentro, e então teríamos todas essas percepções. Ou ele poderia simplesmente nos dar um ser espiritual e automaticamente inserir todas essas percepções em nosso ser.

Quer dizer, quem se importa? De qualquer forma, vai acabar do mesmo jeito. Deus fez isso, e agora a responsabilidade é nossa. É, veja bem, Deus criou os céus e a terra.

Agora, como você traduziria isso para o "berkeleyês" , entende? Talvez seja mais fácil dizer "berkeleyês" . Como você traduziria? Bem, seria algo assim: em certo momento, Deus trouxe à existência mentes finitas e começou a lhes dar uma experiência ordenada do mundo natural. Muito bem, o que ele diria sobre a encarnação, a encarnação? Ou seja, que Cristo apareceu entre nós, Deus em carne.

Ora, o que é carne? Carne, em termos de Berkeley, entende? São certas ideias, certas experiências recebidas passivamente. Compreende ? De modo que Cristo era tão plenamente humano nesse aspecto quanto qualquer outra pessoa. Nascido de mulher? Sim, tão raramente quanto você.

Entende ? Porque ele não está negando nada do que é experimentado. Tudo o que ele está fazendo é nos levar a refletir sobre a realidade última que subjaz àquilo que experimentamos. Eu ia perguntar então, mas logo ela disse que recebemos ideias passivas porque Deus as usa.

Isso significa que Jesus também recebeu ideias passivas? Sim. Sim, isso faria parte de sua humanidade na encarnação. Se ele é plenamente humano e plenamente divino, é assim que sempre entendemos a encarnação.

Veja bem, na história da igreja. Se ele for plenamente humano, ele experimentará as coisas como nós as experimentamos. Sim.

Portanto, você não precisa ajustar sua maneira de pensar sobre a experiência terrena de Cristo, assim como não precisa ajustar sua maneira de pensar sobre a sua própria experiência. Você ainda experimenta exatamente a mesma coisa que experimenta, e ele também experimentou. Entende ? Sim.

Isso não é uma objeção. Ok. Eu simplesmente não consigo entender direito como funciona o processo de conhecer outras pessoas em sua essência.

Se Deus obviamente não está me influenciando, então você, de alguma forma , está me influenciando. Você está falando sobre o conhecimento de outras mentes? Sim. Como nos influenciamos mutuamente? Certo.

Descartes, Locke e Berkeley têm uma visão bastante semelhante de como conhecemos outras pessoas . Certo. Agora, voltemos a Descartes, porque lá é a explicação mais óbvia.

O que você tem em Descartes é uma combinação de mente e corpo. Certo? E o mesmo ocorre com a outra pessoa, também com uma combinação de mente e corpo. Agora, em Descartes, o que acontece é que a mudança física na aparência ou na ação do segundo corpo tem uma influência causal, produzindo mudanças nos estados físicos, nos estados cerebrais e nos estímulos sensoriais do primeiro corpo.

O que, devido à interação mente-corpo, produz estados mentais. Certo. Então, tenho ideias sobre o corpo dois, que são análogas à minha própria experiência com o corpo um.

Então, por analogia, cheguei à conclusão de que a mente dois possui estados mentais correlacionados com estados corporais, de forma análoga à maneira como meus estados mentais estão correlacionados com meus estados corporais. Certo. Portanto, é um argumento por analogia.

Assim como M1 está para o corpo um, M2 está para o corpo dois. Ora, eu sei disso por experiência própria. Eu também sei disso.

Eu também sei disso. E, por analogia, posso inferir que... Certo.

Bem, John Locke é igual. John Locke, como eu disse, não é tão categórico sobre a existência de uma substância mental ou substância em si quanto Descartes. Mas, em todo caso, em termos empíricos, é a mesma coisa.

Agora, quando Berkeley surgir, por que seria diferente? Você verá. Se eu tenho experiência do corpo dois, graças a Deus, e se Deus me dá experiência do, entre aspas, corpo dois, e experiência do corpo um, então, na medida em que existem analogias, posso ter alguma ideia do que está acontecendo na mente dois. Entende ? Agora, particularmente porque algumas das atividades corporais são a emissão de sinais ou a pronúncia de palavras, de modo que, quando eu ouço você dizer, estou intrigado com, veja bem, se eu reconhecer essas palavras como palavras que eu uso, então eu sei por analogia o que está acontecendo na sua mente.

Não apenas a linguagem, mas também outros comportamentos corporais. Sim, isso é padrão. Onde quer que haja essa teoria representacional do conhecimento, será assim que funcionará.

Afinal, à primeira vista, é uma questão um tanto complexa. Como posso entrar na sua mente e entender o que se passa dentro de você? O problema que encontro nessa abordagem específica é que, segundo essa lógica, só saberíamos o que se passa na mente de outra pessoa se conseguíssemos argumentar por analogia. Entende ? Parece-me que a maior parte da nossa compreensão dos pensamentos alheios não resulta de uma argumentação.

É um reconhecimento imediato . A aparência física evoca o reconhecimento em vez de fornecer uma premissa para uma inferência. Entende ? Então, acho que se trata mais de um reconhecimento analógico do que de uma inferência analógica.

Mas mesmo isso não basta para alguns na tradição mais continental surgida no século XIX, que começaremos a abordar quando chegarmos a Hegel, entende? Eles querem dizer que eu nem sequer tenho autoconsciência, exceto em algum tipo de dialética com um outro eu, meu alter ego. Entende ? De modo que o senhor se reconhece como senhor apenas diante do escravo. E o escravo se reconhece como escravo apenas diante do senhor.

Entende ? E assim por diante para todos os tipos de autoconhecimento humano. Portanto, a experiência inicial, a base fundamental da experiência, nesse caso não é a de Descartes, eu acho. Não é a primeira pessoa do singular.

Que é anterior à experiência de "eu". Entende ? Foi assim que se desenvolveu no século XIX, e daí surgiu o conceito de "Eu-Tu" de Martin Buber. Entende ? "Eu -tu ", diz ele , é a palavra básica e primitiva. Não "eu", não "tu".

Pensei. Nós. E o que eles estão fazendo é romper com o individualismo do século XVIII que nos reduzia a átomos.

Átomos sociais. Brian, de novo. Só rapidinho.

Acho que a questão principal é: onde está o controle? Quer dizer, eu entendo como sua mente pode afetar a minha. Sim. Mas você é apenas uma dessas muitas ideias, como árvores e outras coisas, que Deus está me transmitindo, ou eu também te afeto ? Não, eu sou uma mente.

Você é uma mente brilhante. Eu sou uma mente brilhante. Minha mente não é apenas uma ideia.

Minha mente é real. Tudo o que existe são mentes e ideias. Ele não está dizendo que tudo o que existe são ideias.

Mentes. Então Deus controla... Veja, eu estou tentando... Deus controla a sua mente, a minha mente? Sim, exatamente. Deus controla o que você coloca em mim, ou você decide o que coloca em mim? Não.

A resposta é sim. Ou seja, na medida em que tento comunicar algo a você voluntariamente, estou fazendo isso por vontade própria. Eu faço isso.

Mas, no que diz respeito ao fato de você ouvir sons, veja bem, isso é obra de Deus, Deus não é. Veja, é como aquele ocasionalismo de que estávamos falando. Meu desejo de proferir palavras é a ocasião em que Deus faz você ouvir.

Não apenas querer, mas escolher, agir . Agora, entidade imaterial. Mente, alma e Descartes são termos sinônimos.

A mente e a alma são entidades imateriais. Ora, isso não era necessariamente verdade para os medievais ou os antigos, pois a palavra "alma" tinha um uso muito mais amplo entre os gregos e os medievais, referindo-se à vida. Mas o que nos medievais e antigos era chamado de alma racional, capaz de existência independente, foi por Descartes simplesmente denominado de mente.

E é assim que é usado em Locke. É assim que é usado em Berkeley. Não da maneira como é usado na psicologia contemporânea, onde simplesmente se refere à consciência.

Não é algo consciente, mas sim consciência. Uma pergunta sobre o pecado. Se todas as nossas ideias são inertes e não ativas... Não, nem todas são.

Existe um espírito ou uma vontade? É isso que dá vida às ideias? Veja bem, ideias ativas são ideias que eu inicio. Entende ? Agora, se você diz que o "eu" é mente, espírito, alma, vontade... Certo, eu, esse sou eu. Eu faço. Sim.

Sim. Mente, sim, isso enfatiza o ser racional consciente. Espírito, é uma palavra indefinida, na verdade.

Nesse contexto, significa praticamente nada, algo que não é material. Não tem nenhum significado positivo. Aliás, para alguns que conhecemos no primeiro semestre, você se lembra, e até para pessoas como Hobbes, significa apenas um ser rarefeito, físico, gasoso.

Na antiguidade, alma significava vida. Aqui, é equivalente à alma racional, à mente, aquela parte imaterial. E a vontade, claro, é uma das faculdades da mente.

Vontade, intelecto, faculdades da mente. A vontade pode causar pecado. Bem, a vontade é simplesmente agir voluntariamente.

Sim. Então, Will é o agente ativo. Isso significa que, se eu fizer algo a um de vocês, com certeza vou me vingar.

Aqui é a Christine, e eu vou... Vou dar a ela um zero na primeira prova. Veja bem, se eu fizer algo malicioso, algo desse tipo, bem, isso envolve um ato de vontade.

Não se trata apenas de considerar a ideia, mas de desejá-la de fato. Portanto, são todas variações diferentes da mentalidade. São apenas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa.

Não, não é a mesma coisa. Ênfases diferentes. "Mente" é o termo clássico quando se fala do problema mente-corpo, do dualismo de Descartes, ou algo do gênero.

Espírito é uma palavra que foi introduzida muito mais no século XIX porque implica algo mais dinâmico, sendo usada ocasionalmente aqui para se referir apenas a um ser imaterial. Alma, sim, usada nesse período como sinônimo de mente. A ênfase está na imortalidade.

E "will" é um termo funcional. É um termo acadêmico, não um termo de entidade. Estes três são entidades, termos de entidade.

A parte imaterial de você. Entendi. E Ester? Bem, existem várias linhas de pensamento.

Primeiro, voltando ao nominalismo, a palavra matéria não se refere a nada. Não tem significado empírico. Como podemos dizer que ela existe se não sabemos o que é? Veja bem, por que ele diz que não se refere a nada? Bem, matéria é uma abstração.

Há vermelhidão, há forma quadrada, há suavidade, há forma arredondada, há ruído. Mas o que é a matéria? Qual é a sua aparência ? Bem, Locke diria que abstraímos a ideia de matéria em geral de todas essas outras coisas físicas, experiências físicas. O que você abstrai? Sabe, se não é vermelho e não é azul, se não é quadrado e não é redondo, se não é ruidoso e não é silencioso, não é nada.

Bem, claro, ele não alega ter conhecimento infinito, mas acho que se você afirma a existência da matéria, ele diria que você está afirmando algo que não conhece. Você está invadindo terreno desconhecido muito mais do que alguém que nega a existência da matéria. Como assim? Ah, ele acha que é possível demonstrar a existência de Deus.

Mas você não pode demonstrar a existência da matéria. Lembre-se da premissa. Veja bem, desde Descartes, essa é a premissa.

A mente, que conhecemos diretamente, possui ideias, ideias supostamente sobre a matéria no mundo material, sobre outras mentes e sobre Deus. E, segundo Descartes, temos que Provar que as três coisas existem. Bem, veja bem, Descartes achava que podíamos provar as três.

Berkeley está apenas dizendo que não, não podemos provar isso. Mas podemos provar o resto. Entendeu? Agora, você queria saber qual é o argumento dele? Primeiro, sobre ideias abstratas.

Em segundo lugar, sobre qualidades primárias e secundárias. Sim, senhora. Qual possibilidade? Como ele responderia a isso? Acho que estou tentando responder a isso no contexto da época dele.

Acho que ele diria que a ordem da natureza, sua provisão abundante para as necessidades humanas, etc. , etc., é prova suficiente de que o criador é sábio, poderoso e bom. Sim, senhora. Sim.

Sim, essa é a linha de argumentação padrão. O que o argumento causal para a existência de Deus sugere sobre Deus? Agora, lembre-se de que o conceito de Deus como bom também tem uma história que remonta à Idade Média, a Platão. Deus é o bem.

O que é o bem ? Bem, o bem, nesse sentido, é o ideal que toda a natureza almeja. Sim, senhora. Sim.

Então, suponho que você diria que Berkeley poderia muito bem estar dizendo que Deus é bom, se é isso que o termo Deus implica, por definição. Todo o conceito de Deus é o do bem. Falar de um Deus malévolos não é falar de Deus.

Veja bem, é para falar de um não-Deus. A razão pela qual pergunto isso é que algumas coisas me lembram, e eu não sei muito sobre isso porque ainda não chegamos lá, eu acho, mas na aula introdutória falamos sobre aquela coisa de cérebros no fundo e como isso é uma possibilidade, e é mais ou menos o que parece. Sim, só que não são cérebros em uma cuba, são mentes no vácuo.

Sim. Sim, você simplesmente tem dificuldade em sair do seu modo habitual de pensar. Certo.

Tenho uma pergunta sobre o conceito de matéria em si. Pelo que entendo hoje, acredito que as coisas são compostas de partículas minúsculas com elétrons, prótons e um núcleo. Então, quando penso em matéria, acredito que se nega a possibilidade de qualquer mudança.

Ótimo. Dá um resultado sólido. Sim.

Já temos noção de que a matéria é algo fisicamente real, como pequenas partículas? Como quando um pouco de água enxágua em um copo d'água, os grãos de areia... Bem, eu acho que há algo nesses grãos de areia tão pequenos, mas quando se juntam, formam algo maior. Sim.

Às vezes, a história do pensamento científico do século XIX ao século XX é resumida assim: a desmaterialização da matéria. A desmaterialização da matéria. E você pode ver a mudança que ocorreu, porque no século XVIII, a matéria era composta de átomos, átomos são pequenos grânulos de matéria, de substância indivisível, entende?

Bem, isso mudou quando começamos a falar sobre a estrutura do átomo, quando começamos a perceber que E é igual a MC^2 ao quadrado, que a matéria não é um estado final nesse sentido. O princípio da conservação da matéria, de que ela não pode ser criada nem destruída, da física newtoniana, deu lugar ao princípio da conservação da energia, entende? Então, acho justo dizer que a física contemporânea não tem o mesmo conceito de matéria que tinha no século XVIII.

Dito isso, muita coisa pode depender de como você lida com a teoria das partículas submoleculares, entende? Elas são grânulos sólidos e indivisíveis? Ou são rajadas de energia que apresentam comportamentos semelhantes a grânulos? Então, não, eu acho que isso, e este é outro aspecto do trabalho de Berkel, que eu acho muito mais abrangente do que qualquer coisa que ele tenha dito. Acho que a questão é se a concepção newtoniana da matéria tem alguma base empírica, alguma base científica.

Até agora, temos nos concentrado no que ele diz sobre a matéria, mas em sua resposta às objeções que vocês leram, podem notar que ele fala não apenas sobre matéria, mas também sobre força, espaço e tempo. Ora, se todos esses quatro conceitos-chave newtonianos carecem de base empírica, o que acontece com a afirmação de Newton de estar fazendo ciência empírica? Existe alguma base empírica para a ciência newtoniana? Berkeley diz que não. David Hume diz que não.

Immanuel Kant diz que não. O que significa que, quando a ciência pós-newtoniana começou a se desenvolver, o terreno estava preparado para ela. Agora, há outra peculiaridade... eu ia dizer peculiaridade, mas é muito próximo de uma peculiaridade para usar neste momento.

Há outro pequeno detalhe importante aqui, que é a questão de se a própria matéria é concebida como passiva, inerte, ou como possuidora de algum poder, alguma potencialidade em processo, seja ela ativa ou passiva. Veja bem. E parece bastante claro que, em Berkeley, a ênfase está no passivo.

Sim. Muito passivo. Em alguns pensadores continentais, tornou-se mais ativo.

E, claro, em Leibniz, a atividade é tal que a matéria não é a força fundamental. Mas essa concepção de matéria como passiva, desprovida de qualquer potência que tenha a capacidade de fazer algo, é estranha às concepções anteriores de matéria na tradição aristotélica platônica. Sim, senhor.

Ah, você encontra isso em Demócrito, o atomista grego. E Sarah Miles, da aula de História da Ciência, estava dizendo ontem à tarde que, quando chegamos a Lucrecio, que é o equivalente romano de Demócrito, a matéria já é ativa. Certo.

Mas para Platão, Aristóteles e os medievais dessa tradição, a matéria é potência. Agora, tire o "y" do final, e a matéria é potente. Sim, senhor.

Possui potencialidades naturais. Existe uma teleologia inerente na própria matéria. Um talos inerente.

Assim, a perda da visão teleológica da natureza que acompanhou a revolução científica, com a introdução da ciência mecanicista, mudou a concepção da matéria para algo nu, passivo e um substrato. E Berkeley está percebendo os problemas disso. Certo.

Certo. Mais alguma coisa sobre problemas? Ressurreição dos mortos? Bem, ele aborda isso. Sim.

É simples. Sabe, se você visse alguém ressuscitado dos mortos, o que você veria? Bem, Berkeley diz que sim, é isso que Deus proporciona. Qual a diferença? Se você fosse ressuscitado dos mortos, o que você experimentaria? Bem, é isso que Deus proporciona.

Qual é a diferença? Veja bem, a matéria não altera nada empiricamente. Em outras palavras, o que Berkeley está tentando fazer é manter uma posição que se limite ao que é sustentável por evidências empíricas. Lembra-se do evidencialismo de Locke? Que devemos adequar nossas crenças às evidências.

E Berkeley está seguindo o conselho dele. Proporcionando a crença às evidências. Bom, tudo bem.

Espero que você leia atentamente a resposta às objeções que ele apresenta a partir da página 255. São cerca de 20 páginas. E se quiser a resposta às objeções teológicas que ele enfrenta, procure a edição completa de seus Princípios do Conhecimento Natural.

Estão todos lá. Qualquer problema teológico que você tenha, pelo menos você o tem com o ponto de vista dele, responde Berkeley. Certo.

Agora, alguns minutos. Permitam-me fazer alguns comentários introdutórios sobre David Hume para que vocês possam começar com o pé direito nesse aspecto. Ora, é claro que os três grandes empiristas britânicos são Locke, Berkeley e Hume.

E talvez ajude tentar identificar rapidamente o que os distingue. Locke parece ser um dualista metafísico. Ou seja, mente e corpo em conjunto.

Embora não tão categórico quanto Descartes, Berkeley era um mentalista. Não mente e corpo simultaneamente, mas apenas a mente e suas ideias.

Hume é cético em relação a todo conhecimento metafísico. Portanto, ele não defende nenhuma posição metafísica. Ele não defende o dualismo mente-corpo.

Ele não defende o materialismo. Ele não defende o idealismo. Ele sustenta que não conhecemos os fatos.

Ou seja, nada sobre a realidade tal como ela é. Nenhuma questão factual além da experiência presente. Em outras palavras, se o modelo é que a mente tem suas ideias, sua experiência, que representam para nós coisas externas, você entende.

Ora, Hume, que afirma que não conhecemos fatos além da experiência, dirá que não sabemos nada sobre as coisas externas. E mais, que não sabemos nada sobre a

mente, que seria uma realidade além da nossa experiência. Portanto, tudo o que conhecemos é a experiência.

Ele duvida saber disso. Ele duvida saber disso. Ou talvez ele tenha certas crenças, mas não conhecimento.

Assim, pelo fato de tudo o que conhecemos ser experiência, Hume também, como já indicamos, é um fenomenalista. Ou seja, tudo o que conhecemos são os fenômenos, as aparências, mas não a realidade. Agora, tendo dito isso e inserido no contexto da teoria da representação, você pode antecipar qual será o seu argumento.

Ou seja, vai ser muito, muito parecido com Berkeley. Hume segue o argumento de Berkeley sobre nosso conhecimento da matéria e nosso conhecimento do poder causal. Sim.

E ele apresenta um argumento análogo sobre nosso conhecimento da mente e nosso conhecimento de Deus. Ou seja, que as inferências causais envolvidas são inadequadas. Elas não comprovam isso.

Isso tem implicações adicionais, porque a ética que Locke desenvolveu, como você deve se lembrar, era um tipo de ética que ele acreditava ser demonstrável a partir do nosso conhecimento da natureza do eu humano. Da natureza humana. Ora, se não temos conhecimento da natureza humana, o que podemos fazer com isso? Portanto, o tipo de ética da lei natural de John Locke também é rejeitado por Hume.

E, na medida em que ele ainda deseja ser empirista, a que recorrerá? Não ao conhecimento empiricamente derivado da natureza humana, metafisicamente falando, mas apenas à experiência de nossos sentimentos morais. Assim, em ética, ele se torna o que chamamos de subjetivista ético. Ou seja, a base de nossos julgamentos morais reside em nossos sentimentos morais.

Sim. Quando digo que algo é injusto, quero dizer que, quando vejo a semelhança entre você e eu e vejo a forma como você está sendo tratado, sinto dor. Porque sei que me machucaria também.

E então eu grito: injusto! O que isso significa é: ai, dói. Subjetivista ético. Porque no desenvolvimento de um fenomenalismo que não faz julgamentos metafísicos, você não tem base metafísica para uma ética.

Portanto, a ética precisa encontrar uma nova direção. E há correntes em Hobbes e Locke que são aproveitadas. Perceba como ambos se referem ao prazer e à dor, que desempenham um papel em nosso conhecimento moral.

Assim, esses ingredientes empíricos da experiência moral são captados e se tornam, na prática, a base total de uma ética em alguém como Hume. Portanto, pense nisso ao ler Hume. O fato de ele afirmar não saber, um cético é alguém que diz: "Eu não sei e não sei como descobrir".

Ele não é do tipo que nega algo, que diz que não sabemos. O fato de ele não saber ainda lhe permite acreditar em certas coisas por outros motivos. Ele acredita na existência da matéria.

Berkeley não acreditava nisso. Ele acredita na existência da matéria. Ele não acredita que mentes e almas existam, ou pelo menos não vê qualquer fundamento nisso, ao que parece.

E ele demonstra certa ambivalência em relação a Deus, dependendo de como se entende seus escritos, de como se os interpreta. Mas em que se baseia a crença? A crença não resulta de um processo lógico ou de evidências empíricas, mas sim de um processo psicológico. E ele direciona nossa atenção para a psicologia da crença, em vez da lógica das evidências.

Então, ao ler Hume no primeiro capítulo, você verá que ele diz: seja um filósofo, mas em meio a toda a sua filosofia, seja ainda um homem, uma mulher. Bem, ele não diz mulher, eu acrescento isso. Ele diz: "Seja ainda um homem, uma mulher."

Em outras palavras, há algo na natureza humana que não nos permite ir embora sem acreditar. Mesmo que haja algo na filosofia que nos lembre que ela não possui provas lógicas. Então ele tenta equilibrar esses dois aspectos.

Bom, então começaremos a falar mais especificamente sobre David na segunda-feira.